

MILTON A POEM IN 2 BOOKS: INFLUÊNCIA E AFLUÊNCIA NA LINGUAGEM POÉTICO-VISUAL DE WILLIAM BLAKE

Alcides Cardoso dos SANTOS¹

- **RESUMO:** Sob a influência de seu predecessor mais forte, John Milton, o poeta, pintor e gravurista William Blake reage a essa influência incorporando-a dinamicamente à sua poesia. Porém, a reação à influência poética é mais abrangente que a incorporação do *Paradise Lost*, de John Milton, ao seu poema *Milton: a Poem in Two Books* e conduz o autor a criar uma linguagem poética na qual as referências extratextuais verbais e visuais são transferidas, por meio de metalinguagem, para o interior do próprio poema. Sem referências claras para ajudá-lo, o leitor é induzido a criar suas referências subjetivas e dar sentido ao texto, transformando-se, assim, de leitor passivo, em leitor/criador ativo.
- **PALAVRAS-CHAVE:** William Blake; iluminuras; John Milton; influência; reação; sistema verbal/visual.

Tendo convivido tanto com os pré-românticos como com a geração de Wordsworth e Keats, o poeta, pintor e gravurista William Blake (1757-1827) só veio a ter sua obra poética devidamente reconhecida nas últimas décadas. Sua arte pictórica há tempos faz parte do programa dos cursos de arte, mas sua poesia tem sido encarada com desconfiança e até mesmo com descrédito. Graças ao esforço de críticos como Northrop Frye, David Erdman, Harold Bloom e outros, sua obra tem sido reavaliada e apreciada em toda sua riqueza.

Um dos aspectos que têm atraído a atenção dos estudiosos dessa obra é a interação entre as linguagens verbal e visual nos poemas escritos em *Illuminated Printing*, uma técnica desenvolvida pelo autor, que consistia na ilustração do poema por meio de figuras e sua impressão em placas de cobre que eram corroidas por ácido para formar o relevo em negativo a partir do qual as páginas eram impressas. Uma das importantes realizações dos *scholars* que perscrutam sua obra é a constatação de que os textos de Blake não podem ser desmembrados em suas linguagens constituintes, sob o risco de um reducionismo que afeta as concepções artísticas do autor, expressas em sua *Marginalia*.

¹ Universidade Estadual Paulista - UNESP/Araraquara.

Por meio da análise da página-título desse poema (Ver figura 1), procuraremos evidenciar alguns aspectos do inter-relacionamento verbal-visual na poesia desse autor que julgamos importantes. Tentaremos mostrar que uma forma produtiva de análise do texto poético blakiano é a articulação das duas linguagens em uma metalinguagem poética, por meio da qual o autor atinge dois objetivos complementares, a desrefe-rencialização do código verbal juntamente com o redimensionamento da iconicidade da linguagem visual, e a exploração das ambigüidades criadas a partir do jogo entre esses dois sistemas signícos.

O poema *Milton a Poem in 2 Books*, como o título já indica, é uma alusão explícita ao poeta cuja obra teve maior repercussão em Blake, John Milton (1608-1674), e ao seu poema mais significativo, *Paradise Lost*, escrito em 1667, quando seu autor já estava completamente cego. O mito bíblico da criação/queda, denominado por Frye (1990, p.168) de mito arquetípico (queda, redenção, julgamento e imortalidade), é o tema comum aos dois poemas, com a diferença de que em Blake o mito assume caráter metalingüístico, o que faz com que o texto seja, também, uma constante reflexão sobre o ato da produção textual poética.

A releitura que Blake faz de John Milton tem como ponto de partida a percepção de que no *Paradise Lost* a influência se torna um tropo, chamado por Harold Bloom de “estado de retoricidade ou consciência da palavra” (1995, p.195), expressa no texto por meio da alegoria ao poeta e à tradição, simbolizados pelos personagens Satã e Deus. As alusões que perfazem o estado de retoricidade do *Paradise Lost* são feitas aos autores canônicos do poema épico, principalmente Homero, Virgílio, Ovídio, Spencer, além, obviamente, d’O Livro da Gênese. O trecho que segue é uma fala de Satã a seu companheiro Belzebú (Livro I, p. 105-24), na qual podemos perceber vozes sobrepostas, uma das quais pode ser a de Milton, usando o seu personagem para falar de seu próprio poema e de sua relação com a tradição (meus negritos):

*What though the field be lost?
All is not lost; the unconquerable Will,
And study of revenge, immortal hate,
And courage never to submit or yield:*
.....
*We may with more successful hope resolve
To wage by force or guile eternal Warr
Irreconcilable, to our grand Foe,
Who now triumphs, and in th'excess of joy
Sole reigning holds the Tyranny of Heav'n*

Dentre as várias possibilidades interpretativas que esse pequeno trecho do poema nos permite, podemos perceber um Deus metafórico onipotente a reprimir um Satã também metafórico, identificados por Bloom (1991, p. 49-50), respectivamente, com o precursor e com o poeta influenciado. Nessa leitura alegórica, a luta contra a força

da tradição é realizada na luta do Satã/poeta, no desejo de usar sua própria voz com *courage never to submit*, contra um Deus/tradição, autoritário, (...) *our grand Foe*, detentor do poder canônico.

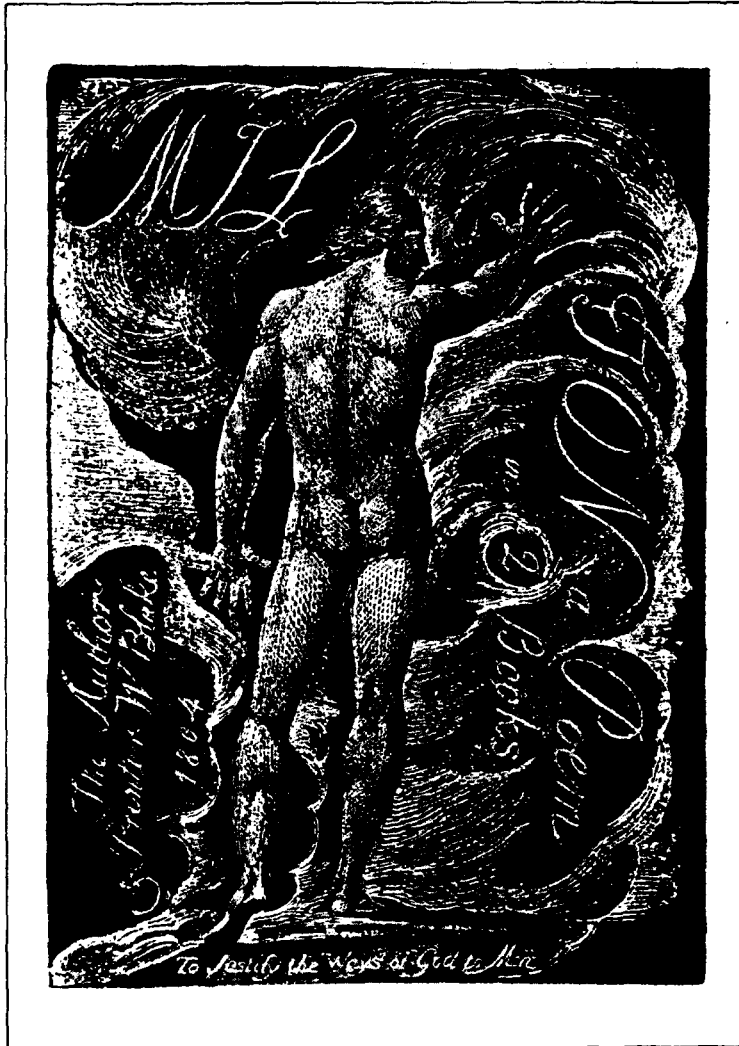
No poema *Milton a Poem in 2 Books*, a tradição é questionada por meio de alegorias mas, principalmente, por meio de uma metalinguagem poética, e seu autor busca o transbordamento dos limites da codificação discursiva por meio de rupturas formais e sintáticas. Enquanto o poema de John Milton é composto em pentâmetros iâmbicos não rimados, *Milton a Poem in Two Books* é escrito em versos brancos com grande variedade métrica e rítmica; no *Paradise Lost* a unidade sintática frástica é respeitada, ao passo que no poema de Blake, a coesão sintática é rompida por meio de procedimentos que seriam largamente utilizados pela poesia do século 20, tais como as orações sem verbo, a utilização das maiúsculas como singularização semântica e a pontuação não sintática de períodos gramaticais como forma de desautomatização da leitura.

Ao incorporar a tradição à sua poesia, na forma tanto de sua influência imediata mais forte como do cânone épico inglês, latino e grego, Blake cria uma linguagem poética auto-consciente, na qual o texto verbal e o visual são concebidos de tal forma que não se pode dizer que haja a precedência de um sobre o outro. A partir da distinção proposta por Metz entre textos mistos em sua materialidade e mensagens “codicamente heterogêneas” (Metz, 1973, p. 16), podemos dizer que os textos iluminados de Blake são exemplos tanto de um caso como de outro, pois são compostos de palavras e figuras, mas realizam uma mensagem estruturalmente heterogênea, na medida em que a simbolicidade das imagens é produzida como interface entre o verbal e o visual. Em carta a Dawson Turner de 9 de junho de 1818, Blake se refere à relação entre a imagem e a letra ao escrever sobre as ilustrações de seus poemas:

Those I printed for Mr Humphry are a selection from the different Books of such as could be Printed without the Writing tho to the Loss of some of the best things For they when Printed perfect accompany Poetical Personifications & Acts without which Poems they never could have been Executed. (Erdman, 1988, p. 771)

Com relação à página-título do poema (ver figura 1), pode-se perceber a relação de Blake com a tradição e com a codificação verbal-visual na representação de seu personagem, o poeta John Milton, na forma escrita e pictórica. Erdman (1974, p. 217) reconhece na figura humana o poeta John Milton, nu e de costas para o leitor, entrando no título do poema e olhando para o seu lado direito como a sugerir o prosseguimento do caminho pelo poema que tem seu nome, num ato, ao mesmo tempo *self-committing and self (name)-transforming* (Erdman, 1974, p. 218). Sua mão direita está erguida e separa a palavra MILTON ao meio; sua mão esquerda, abaixada, recebe na palma a fumaça advinda do canto esquerdo inferior da página,

no qual estão impressos o nome do autor e a data da obra “The Author & Printer W Blake 1804”, como a sugerir a passagem do produto das fornalhas, símbolo da transformação e do auto-sacrifício, para o interior do poema que leva seu nome como título. Seu pé esquerdo, em posição de movimento, está colocado anteriormente ao direito, indicando o movimento de entrada, por meio de sua transformação criativa na poesia de William Blake.



Milton 1A

Figura 1. Página-título de *Milton a poem in 2 books*, de William Blake

A movimentação dos elementos visuais nuvem/fumaça e título do poema na página, tem seu correspondente verbal no movimento que vai do poema influenciador, passa pelo poema influenciado e chega ao leitor, síntese final da semiose poética. A nuvem/fumaça, símbolo da transformação, perpassa toda a página indicando a circularidade do movimento e, paralelamente, as palavras do título se movimentam do canto superior esquerdo para o inferior direito, sendo que a direção do texto é mudada após a separação causada pela mão direita de John Milton. O autor e o ano da criação da obra estão escritos em linhas verticais imaginárias, paralelas à figura humana, indicando o traço humano comum a John Milton e William Blake. O segundo subtítulo do poema, *To Justify the Ways of God to Men*, disposto horizontalmente na parte inferior da placa, sobre o qual a figura humana parece pisar com o pé esquerdo em seu deslocamento em direção ao interior da página, é uma citação dos versos 25 e 26 do *Paradise Lost*, o que indica a partida de John Milton, símbolo do leitor arquetípico, de seu próprio poema em direção ao de Blake e à sua leitura/produção textual.

Alguns contrastes formais da página-título nos darão pistas a respeito de sua interpretação, sendo o primeiro deles, também o mais evidente, entre as partes claras e as escuras da placa, constituindo os planos posterior, claro, e anterior, escuro. Como a figura humana caminha do plano posterior/claro em direção ao anterior/escuro, passando pela fumaça da transformação, pode-se identificar o movimento de entrada na escuridão do plano anterior como um mergulho de auto-consciência efetuado por John Milton, o que é simbolizado pela entrada em seu próprio nome no título.

O segundo contraste é entre as duas direções dos elementos da página, vertical e horizontal, estando a figura humana, juntamente com o autor e a segunda metade do título, na vertical, ao passo que a primeira parte do título e o segundo subtítulo estão na horizontal. Essas duas direções refletem os eixos nos quais a movimentação dos elementos acontece, os quais sofrem inclinações em diagonal, formando uma cruz em forma de X cujo centro é o meio da página. Assim, a verticalidade se inclina formando a diagonal inferior-esquerdo/superior-direito e a horizontalidade se transforma na diagonal superior-esquerdo/inferior-direito.

Na primeira diagonal temos uma linha imaginária que sai do nome do autor, passa pela figura do corpo de Milton e termina no canto superior direito, indicando a continuação do poema pela página seguinte; na segunda temos a queda do nome Milton, metonímia da poesia de John Milton e alegoria da criação do homem, do canto superior esquerdo para o inferior direito, após serem tocados pela mão do poeta. A mão, metalepse do fazer poético, representa o esforço de auto-consciência realizado simbolicamente por John Milton ao ser lido por Blake. A segunda parte do título está na vertical, pois já foi tocada pela mão auto-consciente de Milton, e somente

a alusão ao *Paradise Lost*, na forma de segundo subtítulo, continua na horizontal, como a indicar que na leitura por Blake, parte da obra de Milton deve ser deixada para trás e outra parte, a melhor, deve ser incorporada.

Paralelamente, o texto verbal sofre metaforização visual, resultado do tratamento plástico dado aos símbolos verbais, o que faz com que o poeta Milton, simbolizado verbalmente no título do poema, seja metaforizado na imagem da figura humana; o abandono da individualidade *He took off the robe of the promise, & ungirded himself from the oath of God* (Erdman, 1988, p. 108), seja metaforizado na sua nudez; a racionalidade e a inspiração, *clouds of Jehova & winds of Elohim* sejam transformadas nas metáforas visuais das imagens da fumaça/nuvem e do vento que sopra do interior do poema nos cabelos de Milton; o símbolo arquetípico da queda para a condição humana seja metaforizado pela mudança do título do poema da horizontalidade para a verticalidade e o símbolo da consciência do poeta em relação a seu trabalho seja metaforizado pela entrada de Milton no título do poema de Blake justamente pelo seu próprio nome.

Percebe-se, então, que a movimentação entre os elementos visuais figura humana e fumaça, e verbais, título do poema, efetua a narrativização da iconicidade, paralelamente à metaforização plástica do texto verbal; ou seja, a leitura conjunta dos elementos visuais e verbais impõe um jogo de continuidade entre as duas formas de expressão que minimiza suas diferenças formais e as aproxima por meio da função metalingüística e da dimensão alegórica.

A linguagem poética de Blake parece constituir-se de três momentos: a reação à influência pela incorporação poética dos antecessores, a metaforização plástica a que é submetido o texto verbal e sua contrapartida, a narrativização dos elementos visuais. Os deslocamentos constantes da referencialidade nesse jogo inter-semiótico verbal-visual parecem remeter-nos ao advento da escritura anunciado por Derrida na qual

o jogo entrega-se (...) a si mesmo, apagando o limite a partir do qual se acreditou poder regular a circulação dos signos, arrastando consigo todos os significados tranqüilizantes, reduzindo todas as praças-fortes, todos os abrigos do fora-de-jogo que vigiavam o campo da linguagem. (Derrida, 1973, p. 8)

À guisa de conclusão, pode-se perceber como, por meio de uma metalinguagem poética consciente de sua condição de discurso e da exploração de sua plasticidade, o texto verbal é esvaziado gradativamente de referencialidades extratextuais, tornando-se ambíguo, auto-referente e enriquecendo-se de sentido. Complementarmente, o texto visual é narrativizado e sua iconicidade extratextual substituída pelos símbolos verbais do poema, criando um jogo no qual os significados se movimentam constantemente entre o verbal e o visual, entre a referencialidade extratextual e a semiose intratextual contínua. O resultado de tal jogo é um texto multimídia que

desautomatiza o ato de leitura, fazendo com que o leitor seja incitado a criar seu próprio texto a partir das sugestões oferecidas pelos estímulos verbais e visuais com os quais tem contato, como escreve Wolfgang Iser:

o código do leitor guia as seleções pelas quais é concretizada a relação texto e mundo, ou seja, a organização das estruturas extratextuais. A necessidade da recepção da inovação desloca o código habitualizado para o segundo plano. No entanto as relações esperáveis pelo leitor dirigirão as seleções que efetuará no texto. Assim a interação entre texto e leitor tem o caráter de reciprocidade e sujeita ambos os pólos a um processo auto-regulador. (Iser, 1983, p. 375)

Esse texto poético multimídia pode ser caracterizado, nos termos de Umberto Eco, como uma “obra aberta”, como uma

proposta de ‘campo’ de possibilidades interpretativas, como configuração de estímulos dotados de uma substancial indeterminação, de maneira a induzir o fruidor a uma série de ‘leituras’ sempre variáveis; estrutura, enfim, como ‘constelação’ de elementos que se prestam a diversas relações recíprocas. (Eco, 1991, p. 150)

Sua abertura efetua-se pela concretização dos dois propósitos complementares a que nos referimos no início deste artigo: a desreferencialização do código verbal e da iconicidade visual juntamente com a exploração das ambigüidades criadas a partir do jogo entre as duas linguagens. Talvez a releitura da obra de Blake – que está sendo iniciada – lance algumas luzes que permitam um melhor entendimento das relações entre o verbal e o visual, duas possibilidades expressivas que se almejam mutuamente desde o *Ut Pictura Poesis* da Antigüidade latina.

SANTOS, Alcides C. *Milton a Poem in Two Books: Influence and Affluence in William Blake’s Poetic-Visual Language*. *Itinerários*. Araraquara, n. 14, p. 135-42, 1999.

- **ABSTRACT:** *Under the poetical influence of his strongest predecessor, John Milton, the poet, painter and engraver William Blake reacts to this influence by means of actively incorporating it into his own poetry. However, the reaction against influence is wider than the incorporation of Milton’s Paradise Lost into his poem Milton: a Poem in Two Books and leads the author to the creation of a poetical language in which both verbal and visual extratextual references are transferred, by means of metalanguage, to the very poem itself. Without clear references to help him understand the poem, the reader is asked to create his subjective references and make his own meaning of the text and change, from passive reader, into an active reader/creator.*
- **KEYWORDS:** *William Blake; illuminated printing; John Milton- influence; reaction; verbal/visual system.*

Referências Bibliográficas

- BLOOM, H. *A angústia da influência: uma teoria da poesia*. Trad. Arthur Nes-trovski. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- _____. *Um mapa da desleitura*. Trad. Thelma Médici Nóbrega. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- DERRIDA, J. *Gramatologia*. Trad. Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva/EDUSP, 1973.
- ECO, U. *Obra Aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. 8.ed. Trad. Giovani Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- ERDMAN, D. (Ed.) *The complete poetry & prose of William Blake*. New York: Doubleday, 1988.
- _____. *The illuminated Blake: William Blake's complete illuminated works with a plate-by-plate commentary*. New York: Dover, 1974.
- FRYE, N. *Fearful symmetry: a study of William Blake*. 10.ed. Princeton: Princeton University Press. 1990.
- ISER, W. Problemas da teoria da literatura atual. In: LIMA, L. C. (Org.) *Teoria da literatura em suas fontes*. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- METZ, C. *A análise das imagens*. Trad. Luís Costa Lima e Priscila Vianna de Siqueira. Petrópolis: Vozes, 1973.
- MILTON, J. *Paradise lost*. Oxford: Oxford University Press, 1948.

Bibliografia

- FRIEDRICH, H. *Estrutura da lírica moderna*. Trad. Marise M. Curioni e Dora F. da Silva. São Paulo: Duas Cidades, 1978.
- MITCHELL, W. J. T. *Blake's composite art: a study of the illuminated poetry*. Princeton: Princeton University Press, 1978.

